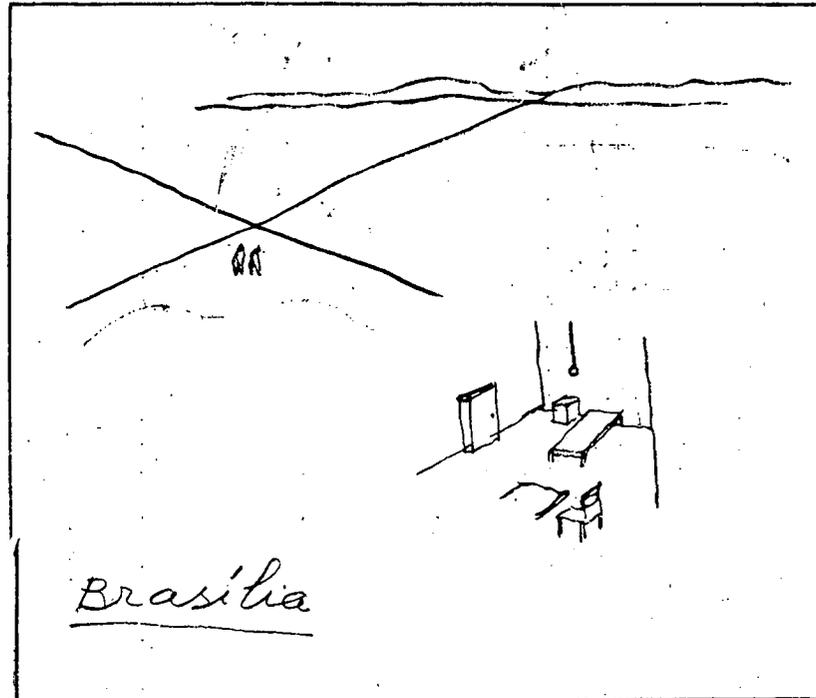


Uma cidade como outra qualquer

Oscar Niemeyer

Oscar Niemeyer



Brasília

Depois, foi a atuação exemplar de Israel Pinheiro a correr cedo, de madrugada, os canteiros de serviços, e nós, engenheiros, arquitetos e operários seguindo-o com entusiasmo nas suas tarefas e programas.

Hoje, o que mais me emociona a lembrar aqueles velhos tempos, não é apenas o clima heróico em que vivíamos, nem a ter visto (de longe) sendo inaugurada, branca e bela, como Lúcio a desejava. O que mais me emociona e entristece é sentir que Brasília é na realidade uma cidade como todas as outras. Uma cidade de pobres e ricos, injusta e discriminatória.

Lembro-me de um texto que redigi naquela época e das minhas palavras revoltadas: "O que fizeram dos nossos irmãos operários que tanto ajudaram a construir Brasília? Que, como nós, muito mais do que nós, sofreram e lutaram, humildemente, para vê-la realizada. O que fizeram daqueles bons companheiros que foram os verdadeiros construtores da Nova Capi-

tal? E isso eu perguntaria aos senhores Senadores e Deputados, aos homens do Governo, se um dia me convocarem. E a eles lembrarei — embora o saibam — que aqueles companheiros estão longe da capital por eles construída, que as casas que fizeram, as escolas, os apartamentos e os palácios, na realidade, nunca lhes pertenceram. Pobres, pobres demais deixaram a cidade, esmagados pela miséria que há séculos os oprime. E lhes direi ainda como são as cidades satélites para eles construídas, aquelas incríveis cidades-dormitórios, onde a pobreza é um grito de revolta permanente!"

Agora, no momento em que é lembrada a morte de JK, acho bom voltar ao assunto. O assunto dessa cidade que, de cima do seu Memorial, ele parece olhar a sorrir, a sorrir para todos, pois ódio o nosso amigo nunca soube cultivar.

Oscar Niemeyer é arquiteto.

BRASILIA foi para mim uma experiência extraordinária. E vê-la surgir pouco a pouco naquele horizonte sem fim do planalto, uma aventura inesquecível.

Nos primeiros tempos, era a terra vazia; a poeira vermelha a nos entrar pela pele e, aquele silêncio, aquela solidão que desconhecíamos.

O conforto era pouco. Uma casa pequena, um catre, um armário, mesas e cadeiras. Mas em compensação o entusiasmo era muito. Sentíamos-nos numa santa cruzada: construir a Capital do nosso País.

Muitas vezes falei de Brasília e minha preocupação permanente foi dar ao meu trabalho uma escala justa. Nem maior nem menor do que merecia.

Lembro do dia em que, chegando à minha exposição no Palácio do Louvre, em Paris, deparei com um grande cartaz: "Oscar Niemeyer, arquiteto de Brasília". E eu a invadir a exposição, preocupado com o que lera, escrevendo sobre uma grande foto da Praça dos Três Po-

deres: "Não me importo dizerem ser eu o arquiteto de Brasília, se, ao mesmo tempo, disserem que Lúcio Costa é o seu urbanista. A ele coube a tarefa principal de definir a cidade, seus volumes e espaços livres. Não sou tampouco o construtor da Nova Capital. Construíram-na o entusiasmo de JK, a perseverança de Israel Pinheiro, o esforço anônimo de milhares de operários que tudo lhe deram sem nada, em troca receber".

Na verdade, elaborado o projeto de Lúcio Costa, o que mais contou na construção de Brasília foi a determinação de JK que, contra todos os obstáculos, a construiu no prazo fixado.

Recordo ainda como a campanha contra Brasília endureceu ao sentirem — seus detratores — que ela seria realizada. As mentiras, os boatos ridículos, as intrigas... Tudo visando paralisá-la. Nada perturbou JK. Brasília era um compromisso com o povo e o seu sonho, predileto.